

ESCRITA DA HISTORIA DA CIDADE – MEMÓRIAS E NARRATIVAS: ALAGOINHAS COMO OBJETO DE ATENTOS VIAJANTES E MEMORIALISTAS (1889-1960)¹

Prof. Dr. José Jorge Andrade Damasceno

Universidade do Estado da Bahia – Campus II, Alagoinhas

Resumo: Desde os fins do século XIX, aos meados do XX, Alagoinhas chamava atenção daqueles que por lá passassem, que para lá fossem ou que lá vivessem. Sua condição de entroncamento ferroviário e de entreposto comercial da região a colocava ao alcance de olhares atentos e argutos, produzindo neles as mais diversas impressões, que acabaram por alçá-la à condição de objeto de descrições e reflexões perpetuadas em obras memorialísticas, que aqui se pretende analisar, como parte de um projeto maior e mais ambicioso, a saber, o de (re)visitar a história de Alagoinhas. Pretende-se reconstruir memórias, apreender e analisar os silêncios, de modo a permitir ao pesquisador, compreender os “esquecimentos” e/ou “apagamentos” de evidências relacionadas aos vestígios e eventos e/ou circunstâncias formadoras do devir da cidade e de seu povo. Em recortes temporais diferentes e descontínuos, este trabalho pretende analisar a “escrita da história” de Alagoinhas, apreender e discutir as razões pelas quais aquela pequena localidade do interior baiano, que chamara a atenção do viajante Durval Vieira de Aguiar, dos observadores Euclides da Cunha e Rui Barbosa, e das memorialistas Joanita Cunha e Maria Feijó, ao ponto de seus escritos e observações se tornarem fontes privilegiadas no trabalho de pesquisa histórica.

Palavras-chave: Memória; Narrativa; Alagoinhas

ESCRITURA DE HISTORIA DE LA CIUDAD - MEMORIAS Y NARRATIVAS:
ALAGOINHAS COMO OBJETO DE VIAJEROS Y MEMORIALISTAS CUIDADOSOS
(1889-1960)

Resumen: Desde los finales del siglo XIX, a mediados del XX, Alagoinhas llamava la atención daquello que por allá pasara, que para allá fuera o que allá viviera. Su situación de intersección de ferrocarriles y de punto de almacenamiento en la región, a colocava en el alcance de los ojos atentos y perspicuos, produciendo en ellos las más diversas impresiones, que acabaram por alçarla a la condición de objeto de las descrições y de las reflexiones perpetuadas en obras memorialísticas, que aqui se pretende analizar, como parte de un proyecto mayor y más ambicioso, a saber, el de (re)visitar la historia de Alagoinhas. Pretendese reconstruir memorias, apreender y analizar los silêncios, de modo a permitir a el investigador, comprender los "olvidos" y/u "apagamientos" de evidências relacionadas a los vestígios y eventos y/o circunstancias formadoras del devir de la ciudad y de su pueblo. Con recortes temporales diferentes y discontinuos, este artículo pretende analizar la "escrita de la historia" de Alagoinhas, apreender y discutir las razones por las cuales aquella pequeña localidade del interior baiano, que llamara la atención del viajante Durval Vieira de Aguiar, de los observadores Euclides da Cunha y Rui Barbosa, y de las memorialistas Joanita Cunha e Maria Feijó, a punto de sus escritos y observaciones, se tornarem fuentes privilegiadas en eo trabajo de investigación histórica.

Palavras-clave: Memória, Narrativa, Alagoinhas

¹ Este artigo é uma versão ampliada, corrigida e revista, da comunicação apresentada no XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – UEL – ANPUH PR, 2012. Email: historiadorbaiano@gmail.com. SANTOS, Roberto Magno. *Alagoinhas Jornal: O comportamento da imprensa escrita no município de Alagoinhas durante o quadriênio 1960-1964*. Alagoinhas, 2003.

Introdução

Inserida no contexto de uma perspectiva “regionalista” da escrita da história, a discussão aqui proposta pretende enfrentar, mesmo que de modo preliminar, o problema da “Escrita da História” de Alagoinhas, ainda muito insipiente e tímida, a despeito de vir experimentando alguns avanços bem pontuais. Caberia aqui, à guisa de exemplo, mencionar pelo menos duas iniciativas, havendo entre elas um intervalo de aproximadamente dez anos.

A primeira dá-se no ano de 2000, quando se começa abrir perspectivas de pesquisa histórica em Alagoinhas, cujo marco é a implantação do curso de especialização em História Política, idealizado e coordenado pelo Professor Doutor Paulo Santos Silva, tendo sido efetivado em duas entradas, com cerca de vinte e cinco concluintes, entre os anos de 2002 e 2006.

Entre os trabalhos resultantes daquele primeiro esforço no sentido de incentivar os novos pesquisadores a promover a “escrita da história” da cidade, inserindo-a no contexto mais amplo da história regional e local, pode-se destacar quatro dentre eles, cuja menção se deve aos propósitos e limites deste arrazoado. Roberto Magno Santos, interessando-se pela profusão de publicações periódicas em uma cidade como Alagoinhas, com uma população predominantemente operária, analfabeta e cuja elite cultural/letrada era bastante rarefeita e tinha seus interesses voltados para a imprensa da capital do Estado desenvolveu o estudo que resultou no trabalho, apresentado em 2003.² Ele pode servir de ponto de partida para outras pesquisas, que conduzam a entender e explicar a existência de grande número de periódicos, alguns efêmeros, mas alguns outros de boa longevidade, em uma cidade e um tempo onde ler, era raro.

Por sua vez, Jeane Angélica Machado da Rocha se interessara em compreender uma parte do processo de modernização da urbe alagoinhense, materializado pela construção do Coreto da Praça J. J. Seabra que lhe despertara a curiosidade e iniciou uma pesquisa que traçou uma parte da história da cidade, na década de 1920, culminando com o trabalho, cujo resultado, ainda parcial, foi levantar questões em torno da construção de um “lugar de memória”, cujo idealizador nele não aparece, nem representa de forma direta, aquilo que se quer seja lembrado. Ao apresentar os primeiros

² SANTOS, Roberto Magno. *Alagoinhas Jornal: O comportamento da imprensa escrita no município de Alagoinhas durante o quadriênio 1960-1964*. Alagoinhas, 2003.

frutos de sua pesquisa em 2002,³ Rocha abre um grande leque de possibilidades de investigação histórica em torno de um “protagonista da história política de Alagoínhas”, até ali, relegado ao quase total esquecimento.

Já Antônio Manoel Machado da Rocha interessou-se por enveredar nos arquivos do poder legislativo alagoínhense. Conforme escreveu na introdução do trabalho, tal incursão pretendeu “prestar uma contribuição a história local, na medida em que resgata parte da atuação do Legislativo ao longo de um período em que a sua atuação é relegada a segundo plano”, daí resultando um bom trabalho monográfico, apresentado em 2006,⁴ que abre várias possibilidades aos novos pesquisadores interessados no tema.

Por fim, Marleide Lima de Brito Sousa arriscou-se na utilização da técnica de história oral para trazer à lume uma pequena parte da memória de um velho militante integralista de Alagoínhas. Naquele trabalho ela desenvolveu a tarefa de dar-lhe voz, no sentido de promover a escrita da história de um movimento político com boa repercussão na cidade. Esta dívida com a história daquele militante começou a ser saudada por Marleide com o trabalho apresentado em 2006,⁵ que abriu outras possibilidades de se revisitar a história protagonizada pelos chamados “Camisa Verde”, em Alagoínhas.

Fora do raio de abrangência do curso de especialização em História Política, pode ser agregado como uma quinta menção, pelo interesse em desenvolver estudos sobre a formação daqueles que tomariam parte na construção de um operariado, dotado de um determinado perfil, o trabalho de Maurílio Lopes Fontes, também defendido no âmbito da especialização *latu sensu* em 2005,⁶ que contribui para o esforço de uma escrita da história desta cidade, cuja historicidade ainda está longe de ser plenamente explorada.

No que tange aos trabalhos acima elencados, cabe salientar entrementes, que se trata de monografias construídas e apresentadas por alunos, saídos de um curso de licenciatura em história, cujo escopo de matérias/disciplinas estava estruturado na perspectiva predominante do ensino da história, voltado para os níveis fundamental e

³ ROCHA, Jeane Angelica Machado da. *A trajetória do Coronel Saturnino da Silva Ribeiro*. Alagoínhas 2002.

⁴ ROCHA, Antonio Manoel Machado da. *O poder legislativo em Alagoínhas – 1920 a 1923*. Alagoínhas-Bahia, 2006.

⁵ SOUSA, Marleide Lima de Brito. *Vestígios da Ação Integralista Brasileira na terra da laranja: um estudo de caso sobre a trajetória política de um integralista em Alagoínhas*. Alagoínhas, 2006

⁶ FONTES, Maurílio Lopes. *Educação para o trabalho: a escola profissional ferroviária de Alagoínhas como dormadora de mão-de-obra – 1941 a 1962*. CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ÊNFASE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR - Alagoínhas, 2005.

médio, sem que houvesse uma preocupação de propiciar àqueles graduandos, oportunidades efetivas de enveredarem-se pelas lides da pesquisa histórica, salvo em iniciativas localizadas, levadas a efeito por alguns professores. Tais monografias foram construídas com base nas inserções que cada aluno fazia de per si, na medida em que corria o curso de especialização, sobretudo, vindo a aproximação da apresentação do trabalho de conclusão de curso. O que traziam de fundamentos teóricos e metodológicos fora apreendido ao cursar algumas das poucas disciplinas ministradas na graduação, cujos conteúdos estavam relacionados com a pesquisa histórica e a produção historiográfica.

Alguns anos mais adiante, destaque-se, em segundo lugar, a empreitada levada a efeito pelo Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira, através da coordenação e/ou execução do projeto de pesquisa “No rastro de Miranda: uma investigação histórica acerca da trajetória de Antônio Maciel Bonfim (1905-c. 1947)”, envolvendo, em seu desenvolvimento, alunos de iniciação científica e de orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso. Com tais iniciativas, Pereira Moreira vem conseguindo trazer à lume elementos constitutivos da cidade de Alagoinhas, cuja relevância para a “história” da referida urbe não havia ainda sido tomada na devida conta. Do esforço empreendido por Pereira Moreira e seus orientandos, mencione-se aqui alguns dos resultados já alcançados, ainda preliminares. O primeiro dentre eles é a publicação do artigo “O célebre Miranda: aventuras e desventuras de um militante comunista entre a história e a memória”,⁷ que ele escreveu a “dez” mãos, visto que o autor lista os seus orientandos Thiago Machado de Lima, Letícia Santos Silva, Iracelle da Cruz Alves e Cláudia Ellen Guimarães de Oliveira, como coautores da referida publicação.

Nesta mesma linha de raciocínio, são dignos de nota os Trabalhos de Conclusão de Curso, cujos autores revelam vivo interesse pela apreensão, compreensão e escrita da história de Alagoinhas, como o que foi defendido por Daniela Silva de Santana em 2011⁸ e o que foi defendido por Genison Soares Silva em 2012⁹, ambos orientados pelo doutor Pereira Moreira.

⁷ MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *O célebre Miranda: aventuras e desventuras de um militante, entre a História e a Memória*. Praxis: Revista Eletrônica de História e Cultura”, ISSN 1807-3174, ano IV, número 5, janeiro-dezembro de 2011

⁸ SANTANA, Daniela Silva de. *Pórtico de ouro do sertão baiano: representações de Alagoinhas na Primeira República (1889-1930)*. Curso de Licenciatura em História – Uneb – Alagoinhas, 2011.

⁹ SILVA, Genison Soares da. *A Escola Profissional Ferroviária de Alagoinhas: nos trilhos da aprendizagem recrutando artífices e formando ferroviários (1941 – 1962)*. Licenciatura em História – Uneb – Alagoinhas, 2012.

Também vale aqui mencionar alguns trabalhos desenvolvidos em outros programas de Pós-graduação *stritu sensu*, de grande importância para agregar elementos à construção de uma massa crítica em torno de uma História Regional e Local, que permita a realização de análises mais consistentes e bem fundamentadas do processo histórico alagoinhense. Em primeiro lugar, destaque-se a dissertação da professora Keite Maria Santos do Nascimento Lima, mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia, defendida em 2010,¹⁰ não só pela qualidade do texto, mas, sobretudo, pelo esforço feito no sentido de apreender um dos momentos mais cruciais para a formação da cidade de Alagoinhas, dado ser aquele o tempo de mais difícil prospecção de elementos consistentes para se levar a bom termo a pesquisa histórica e para a escrita da história local, na medida em que as dificuldades de encontrar e lidar com as fontes se fazem avolumar, sobremaneira.

Em segundo lugar, mencione-se as dissertações defendidas pelos mestres em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (Campus V Santo Antônio de Jesus), a do professor Carlos Nássaro A. da Paixão, defendida em 2009,¹¹ e a do professor Moisés Leal Moraes, defendida em 2011¹², como esforços empreendidos no sentido de agregar elementos para a construção daquela massa crítica acerca da qual já se falou acima. O objetivo tem sido contribuir para impulsionar o processo de Escrita da História da Cidade de Alagoinhas, visando permitir aos pesquisadores, que vierem a lhes seguir as pegadas, compreender os avatares de uma cidade que, nos princípios do século XX, apresentava um ritmo pujante de crescimento e “modernização”, fazendo crer que culminaria com a construção de um desenvolvimento sólido e sustentável.

No entanto, ao entrar na década de 1960, aquele ritmo pujante e promissor nitidamente perde forças ao ponto de um grupo de cidadãos locais, em 1968, redigirem um “memorial” ao governo do Estado, conforme Salomão Antônio de Barros (1899-1986) faz questão de mencionar em sua obra já clássica, apontando para a preocupação dos signatários do dito “memorial”, com a fama de atraso de que Alagoinhas àquela altura, já estava impregnada. Segundo Barros,

¹⁰ LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. *Entre a ferrovia e o comércio: urbanização e vida urbana em Alagoinhas (1868-1929)* –Universidade Federal da Bahia - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - Salvador, 2010.

¹¹ PAIXÃO, Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, Santo Antonio de Jesus – BA, Janeiro / 200 9.

¹² MORAIS, Moisés Leal. *Urbanização, trabalhadores e seus interlocutores no Legislativo Municipal: Alagoinhas – Bahia, 1948- 1964.* – Santo Antonio de Jesus, 2011.

[...] em 1968, o devotado alagoinhense Dr. Israel Pontes Nonato encetou uma campanha, obtendo, em inúmeras listas, 8.020 assinaturas subscrevendo um Memorial, em termos candentes, rebatendo a falsa imagem criada de ALAGOINHAS e mostrando que tinha razões prioritárias para o mesmo Município possuir um Distrito Industrial. Esse Memorial foi às mãos do então Governador do Estado que garantiu atender ao pleiteado.¹³

Viajando, Observando e Escrevendo – Alagoinhas, “lugar de memórias”

Desde os fins do século XIX aos meados do XX, a cidade de Alagoinhas chamava atenção daqueles que por lá passassem, que para lá fossem ou que lá vivessem, sob quaisquer pretextos. Sua condição de entroncamento ferroviário e de entreposto comercial da região a colocava ao alcance de olhares atentos e argutos, produzindo neles as mais diversas impressões, que acabaram por alçá-la à condição de objeto de descrições e reflexões perpetuadas em obras memorialísticas. Aqui se pretende analisar tais obras como parte de um projeto maior e mais ambicioso, a saber, o de (re)visitar a história de Alagoinhas, a partir da diversidade de memórias produzidas ao longo do tempo de sua existência, com o intuito de desenvolver uma apropriação das diversas histórias imbricadas e entrelaçadas nos lugares de memórias. Isso para que se possa partir para empreender análises que permitam apreensões do cotidiano e do feixe de hábitos e costumes a ele agregados, que permita ao pesquisador compreender as concepções de mundo que acabaram por formatar o “ser social” da cidade.

Fazendo uso de diferentes fontes escritas e orais, pretende-se reconstruir memórias, apreender e analisar os silêncios, de modo a permitir ao pesquisador compreender os “esquecimentos” e/ou “apagamentos” de evidências relacionadas aos vestígios e eventos, episódios e/ou circunstâncias formadoras do devir da cidade e de seu povo.

Neste sentido, convém salientar que este artigo, ora em construção e aberto às sugestões, pretende chamar a atenção do leitor para a existência de um conjunto de obras de caráter memorialístico, a partir do qual aqueles que pretendam realizar pesquisas em torno da história local poderão estar diante de um farto material de

¹³BARROS, Salomão A. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador: Artes Gráficas, 1979, P. 76.

trabalho. Por meio dele, se poderá empreender incursões “no tempo passado” nas histórias e memórias da cidade, com o fim de conhecer muitos momentos da vida cotidiana e de diversas fases do processo de consolidação de Alagoinhas, enquanto cidade “cabeça” da região Agreste da Bahia.

Tomando como ponto de partida textos escritos por um viajante, dois observadores e duas memorialistas que, em recortes temporais diferentes e descontínuos, registraram as impressões deixadas pela cidade em seus espíritos, este trabalho pretende analisar a “escrita da história de Alagoinhas”. Seu autor está interessado em apreender e discutir as razões pelas quais aquela pequena localidade do interior baiano, dos finais do século XIX e meados do XX, chamaram a atenção do viajante Durval Vieira de Aguiar, dos observadores Euclides da Cunha e Rui Barbosa e das memorialistas Joanita Cunha e Maria Feijó, ao ponto de seus escritos e observações se tornarem fontes privilegiadas no trabalho de pesquisa histórica.

Essas fontes, de consulta obrigatória para aqueles que se enveredem por caminhos que busquem conhecer e escrever a respeito dos diversos aspectos da história da cidade, em conjunto, os escritos dos viajantes, observadores e memorialistas, permitem ao pesquisador ter uma viva ideia de como eram seus contornos espaciais, seus hábitos culturais, seus avatares políticos, bem como traços do modo de ser e pensar daqueles que tomavam parte do cotidiano local, na construção dos espaços de convivência, assim como das estruturas sociais e econômicas sobre as quais repousavam os elementos formadores dos “lugares de memória”.

O ainda capitão da polícia baiana, Durval Vieira de Aguiar (1849-1900) foi encarregado pelas autoridades governamentais para fazer o mapeamento da província da Bahia, em seus aspectos políticos e econômicos. Durante os anos de 1882 e 1883, pouco mais ou menos, Aguiar viajou por todas as plagas baianas, mapeando os lugares no que tange às distâncias e limites entre as cidades, observando relevos, climas, rios, atividades econômicas, bem como levantando alguns aspectos populacionais e urbanos da província.

Em sua passagem pela cidade de Alagoinhas, aquela já transposta do lugar onde originalmente se deu o processo inicial de sua povoação, o arguto observador afirma logo no início do seu relatório que "Até o ano de 1866 a atual cidade constava apenas de umas quatro casas de telha junto ao rio, de um trapiche, das acomodações da estrada de

ferro e de uma meia dúzia de casas de palha perto do barracão da dita estrada. Chamavam a esse insignificante lugar simplesmente – a Estação".¹⁴

O relatório do viajante é bastante detalhado e nele procura inserir as informações que lhe pareçam mais relevantes, no sentido de formular um juízo de valor, a respeito do local. Neste sentido, veja-se o que diz o relator:

A edificação, como a da maior parte das localidades da província em que as respectivas municipalidades são indiferentes, é, na maioria, feia, irregular, de ruas sem calçamento, tortuosas e tão arenosas que esquentam no verão ao ponto de impedir o trânsito e aumentar a temperatura da cidade encharcando-se no inverno até formarem lamaçais, especialmente em volta da *feira*, que se torna intransitável.¹⁵

Aguiar não deixa de observar, no entanto, que “existem na cidade alguns bonitos edifícios, especialmente os da Câmara Municipal e da não acabada Matriz, que é de sistema gótico; encontrando-se também nas imediações elegantes e modernas chácaras”.¹⁶ Pode-se notar que o viajante provincial é deveras muito atento, conforme se pode atestar na descrição seguinte:

A feira continua nos sábados, concorridíssima e abundante; sendo muito acanhado, completamente aberto e vazio de qualquer comodidade, o barracão, onde, confusa e aglomeradamente, se faz o respectivo mercado. O edifício da cadeia-quartel, é de aluguel, muito ordinário, e mesmo indecente para uma cidade em que a respectiva municipalidade tem grandes rendimentos.¹⁷

O relato do viajante segue demonstrando o cuidado com que realizava sua tarefa, ao observar que:

O comércio é ativo, grande, animado e faz avultada exportação para a capital, pela estrada de ferro, - de açúcar, farinha, tapiocas, feijão, milho, café, fumo, gados, couros, aves, ovos, etc., etc.; sendo tão grande o mercado do fumo que diversas casas comerciais da nossa

¹⁴AGUIAR, Durval Vieira. *Descrições Práticas da Província da Bahia*. Com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações. Tipografia do Diário da Bahia, 1888, PP 93. Apesar de datado de 1988, provavelmente o advento da República fez o autor rever algumas posições expostas. É interessante notar que o prefácio é datado de 1889. Neste texto, a edição a ser utilizada, será a de 1979.

¹⁵Aguiar, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia : com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*. — 2ª ed. — Rio de Janeiro Cátedra ; Brasília : INL, 1979, P. 95.

¹⁶AGUIAR, Durval Vieira de. Op. Cit. P. 95.

¹⁷ AGUIAR, Durval Vieira de. Op. Cit. P. 95.

praça ali conservam agentes compradores que empregam em tal negócio centenas de contos.¹⁸

O agente provincial continua seu relato, asseverando que, na área da comunicação, “funciona na cidade desde 1874 uma estação telegráfica da linha terrestre”. No quesito educação,

[...] encontramos três escolas primárias, sendo duas de meninos e uma de meninas, todas repletas de alunos, porém, quando lá estivemos, desprovidas de mobílias e compêndios; funcionando em casas acanhadas e ordinárias. E arremata o seu arrazoado, assegurando que, “apesar de todos os defeitos é essa cidade a mais florescente da província [...]”.¹⁹

Aguiar observa a cidade muito minuciosamente, visto ter uma percepção de futuro de seu progresso e desenvolvimento, manifesta na longa observação que faz em torno do transporte ferroviário, “agente motor”, do modo “alagoinhas” de ser. Atente-se para as suas palavras:

A cidade de Alagoinhas é ponto principal de três linhas férreas. [...]. A primeira é a feia, velha, cara, desasseada e morosa estrada inglesa, artéria principal que liga esta capital às outras duas estradas, por uma linha de 123,013 metros, bitola larga, com 16 estações [...]. O ramal do Timbó são mais 83 quilômetros de prolongamento da linha inglesa, [...]. O *Prolongamento* é a linha que de Alagoinhas vai terminar no Juazeiro. É propriedade do Estado, e acha-se inaugurada até a Vila Nova da Rainha. É de bitola estreita, bem construída, tem um excelente material rodante, novo e aperfeiçoado, e 16 magníficas estações, especialmente a de Alagoinhas por ser a mais vasta, sólida e elegante.²⁰

E arremata com uma opinião típica daquele que intentava difundir a ideia de desenvolvimento junto aos que o quisessem trazer para aquela Bahia dos finais do XIX:

Quanto mais se estenderem essas linhas mais florescerá a cidade de Alagoinhas, que, pela rapidez do progresso, da emigração e da edificação, poderia oferecer-se como modelo de arquitetura e perfeição, em lugar desse amontoado de casas e casebres

¹⁸ AGUIAR, Durval Vieira de. Op. Cit. P. 95.

¹⁹ AGUIAR, Durval Vieira de. Op. Cit. P.96.

²⁰ AGUIAR, Durval Vieira de. Op. Cit. Pp. 96-98.

intermediados de buracos, escavações, lamaçais, águas pútridas e faltas de esgoto, alinhamento e calçamento, de que parece não cuidar a respectiva municipalidade.²¹

Era o ano de 1897, grassava a morte, a dor, o sangue e a doença no arraial de Canudos. A “guerra” se encarniçava, pois três incursões do Exército republicano foram desbaratadas e humilhadas pelos sertanejos da Caatinga. O Jornal o *Estado de São Paulo* passara a interessar-se pelo tema, enviando correspondente para a cobertura do evento, até então circunscrito ao estado baiano, que, por conta das inesperadas derrotas das forças regulares do governo federal, ganhara dimensão nacional. O repórter destacado pelo periódico paulista para cobrir a maior e decisiva investida do Exército brasileiro, com o fim de aniquilar os “sequazes” rebelados do beato Conselheiro, era precisamente o engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909), que acabou por fazer do seu trabalho como jornalista, uma obra de grande fôlego.²²

O que interessa ao autor destas linhas é revisitar a passagem do jovem repórter do *Estado de São Paulo* por Alagoinhas. A partir de algumas frases de seu apontamento, nas quais tece considerações sobre o que vislumbrara, ao passar pela cidade, que acabara de completar 34 anos da instalação de sua primeira Câmara legislativa, pode-se inferir que ele tivera uma visão diferente daquela descrita pelo relatório do Coronel Aguiar. Vendo a cidade de relance, a partir da janela do trem em movimento, ou mesmo depois de um rápido circular pelo perímetro que o tempo lhe houvesse permitido, visto estar de passagem e não ser aquele lugar, alvo de sua atenção imediata, Cunha anota em sua caderneta de campo as impressões que lhe assaltara o espírito.

Após informar ter chegado as “cinco e meia”, não precisando se tarde ou manhã, Cunha chegou as conclusões que se seguem:

Alagoinhas é realmente uma boa cidade, extensa e cômoda, estendendo-se sobre um solo arenoso e plano. Ruas largas, praças imensas; não tem sequer uma viela estreita, um beco tortuoso. É talvez a melhor cidade do interior da Bahia. Convergem para ela todos os

²¹ AGUIAR, Durval Vieira de. Op. Cit. P. 98.

²² A obra a que se alude é uma das mais estudadas publicações brasileiras, cuja primeira edição é de 1902, que entre tantas edições e reedições, tem a que se referenciará abaixo: CUNHA, Euclides. *Os Sertões*: campanha de Canudos. São Paulo: Martin Claret, 2002.

produtos das regiões em torno, imprimindo-lhe movimento comercial notável.²³

Cabe aqui salientar que o observador tinha uma visão ampla e livre do espaço percorrido pelo comboio que o transportava, visto serem escassas as construções em todo o trajeto desde a entrada da cidade, aproximadamente no Riacho do Mel, até cerca de 40 ou 50 metros, da estação São Francisco, permitindo ao observador dar largas ao seu olhar atento. Só a vegetação luxuriante de vastos tabuleiros, as enormes fazendas e as deslumbrantes chácaras se apresentavam pelo caminho até a gare alagoinhense. Assim, o jornalista do *Estado de São Paulo* pôde guardar na sua memória as impressões que perenizou em suas anotações de campanha. Considerando-se o trecho compreendido entre o Riacho do Mel, onde a ferrovia transige para a direita, até a Estação São Francisco, límpidas águas e alvíssimo areal se apresentam de chofre ao estupefato observador. Desde ali, a composição atravessa vasta área de cajueiros, mangabeiras, jaqueiras, mangueiras e coqueiros, atravessa o rio Aramari e corre paralelo ao rio Catu, deixando a mostra imensas extensões de terra ainda virgens, permeada por uma luxuriante vegetação rasteira que se derramava pelos cerca de 3 km que separavam os dois pontos mencionados, provavelmente deslumbrando o viajante atento, levando seu olhar a perder-se na imensidão de espaço livre, que se lhe apresentava ao espírito, fazendo com que as impressões nele deixadas, viessem a construir robustos pilares sobre os quais apoiara suas observações de repórter e escritor.²⁴

Caso se encontrasse do lado esquerdo da composição o olhar do arguto viajante pode ter penetrado em imensos laranjais esparramados até as margens do Rio Aramari, área que hoje compreende os bairros da Brasilinha, Praça Santa Isabel e 2 de julho, visto ser aquela área ainda de pouco casaril, o que poderia permitir uma ampla visão desde aquele trem, já em marcha reduzida. Caso se encontrasse a direita do comboio, poderia ter visto mais laranjais derramados pelas vastas terras daquilo que hoje é uma parte do Jardim Petrolar, do conjunto Pinto Aguiar, Luís Viana e as imensas plantações de fumo, estas mais próximas da linha férrea.

²³ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma Expedição*, org. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.130.

²⁴ Este e os dois parágrafos que se seguem, são frutos de um exercício imaginativo deste autor, baseado na experiência e no conhecimento que possui do local, uma vez que os primeiros equipamentos erguidos na área descrita foram o Matadouro público e os cortumes em seu entorno, o que só ocorre cerca de dez anos depois do evento aludido; a ocupação populacional da área só se torna efetiva cerca de 40 ou 50 anos após a passagem do autor de “os Sertões” pelo local.

O jornalista/engenheiro contava cerca de 31 anos, quando avistou da janela do trem em que viajava a também jovem cidade de Alagoinhas, aquela que fora forjada a partir da chegada da estrada de ferro, cuja primeira parte ficara pronta em 1863 e a segunda se iniciara alguns anos mais tarde. A gare onde o escritor paulista fizera baldeação com o objetivo de seguir até os “campos conflagrados” tem suas operações iniciadas em 1880.

É possível que a referida baldeação, necessária em virtude da diferença entre o trecho percorrido desde Salvador até Alagoinhas e o que se percorreria dali até Queimadas, tenha demorado um ou dois dias, tempo suficiente para o autor de *Os Sertões* circular por suas ruas principais, não se afastando muito do entorno das duas estações ferroviárias que modulara a urbe pela qual passara algumas horas, ou mesmo dias, levando-o a considerar Alagoinhas como sendo “[...] uma boa cidade extensa e cômoda”. O que Euclides da Cunha escreve nos parágrafos seguintes pode ter sido fruto de informações de comerciantes e circundantes locais, ou mesmo de informações previamente levantadas a respeito do lugar, visto que já estava na Bahia há quase um mês e por ter tido contato com os arquivos, quando esquadrihava o que se houvera escrito a cerca do “Conselheiro”. Ou ainda, pode ser que tenha se imbuído de informações sobre o município em que haveria de fazer a troca de trens, encontradas na obra “*Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração de todas as distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações*” de Durval Vieira de Aguiar, da qual se sabe ter tido tempo para leitura cuidadosa.

Dá se poder depreender que aquilo que Cunha escreve, enquanto aguarda partir para Queimadas, não poderia ser fruto apenas de suas impressões de passageiro, mero faro de jornalista ou da argúcia de escritor. Fazia-se necessário dispor de informações precisas a respeito da cidade, de sua movimentação comercial, bem como de hábitos e modos de ser de sua população.

Assim, no mesmo “Diário de uma Expedição”, encontra-se a respeito de Alagoinhas a assertiva de que “convergem para ela todos os produtos das regiões em torno, imprimindo-lhe movimento comercial notável. Isto, porém, dá-se em condições normais”.²⁵

E arremata desalentadamente:

²⁵ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma Expedição*, org. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Na quadra atual o tabaréu anda esquivo e foragido; a grande praça principal da cidade em cujo centro se alevanta o barracão de feira de há muito não tem, aos sábados, a animação antiga. Cada trem que vai para Queimadas repleto de soldados, cada trem que de lá volta repleto de feridos, é um espantalho assombroso para as populações sertanejas.²⁶

Por sua vez, o renomado jurista e político baiano, o Senador Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), que pleiteara à cadeira presidencial em disputa contra Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (1865-1942), na eleição de 1919, em concorrida cerimônia, também gravou na tradição oral local e na memória dos que dela participaram uma observação elogiosa, que acabou por ser incorporada a Alagoinhas como se lhe fora uma epígrafe pela qual se deu a conhecer desde então. Em campanha na defesa de seu candidato ao governo do Estado, segundo escreveu Salomão Barros (1899-1986), no seu *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*, de passagem pela cidade, em concorrida afluência de autoridades e circundantes,

[...] em 3 de dezembro de 1919 proferiu sua 1ª Conferência de caráter político, no Palácio da Prefeitura daquela Cidade, [...], dizendo de sua admiração à terra, por ele, RUY, cognominada "Cidade Pórtico de Ouro dos Sertões Baianos". E RUY fizera uma apologia ao Sertão e ao Mar, após referências à Cidade e à sua população.²⁷

Até aqui, os observadores evocados, para tomar parte no processo de escrita da história de Alagoinhas, falaram dela como quem a vê de relance, quando muito como quem permanece na cidade por alguns dias, desenvolvendo alguma atividade a partir da qual tem sua atenção voltada para aspectos imagéticos que considera relevantes na Alagoinhas que se descortina à sua frente, ou é descortinada, dependendo do motivo que lhe guiara os passos na direção da “melhor cidade do interior baiano”, no dizer do jornalista Euclides da Cunha, ou ainda, no dizer do oitocentista Durval Vieira de Aguiar, daquela que “apesar de todos os defeitos” era [...] “a mais florescente da província”.

As páginas que se seguem estão fundamentadas nas observações encontradas em alguns escritos de duas alagoinhenses, cujo berço é a cidade que mais tarde irão

²⁶ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma Expedição*, org. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000,

²⁷ BARROS, Salomão A. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador: Artes Gráficas, 1979, P. 267.

descrever nos seus trabalhos literários, que podem ser classificados como obras memorialísticas, respeitando-se as objeções que venham na direção contrária ao entendimento de quem escreve estas linhas. Sem grandes dificuldades, elas criam e recriam o ambiente no qual nasceram, cresceram e permaneceram grande parte do seu viver e a partir do qual tomaram contato com o mundo e com a vida de onde receberam as gravações por meio das quais tiveram forjados seus devires.

Neles, sob diversas perspectivas, Alagoinhas aparece desenhada, esculpida, traçada e retraçada em seus inúmeros matizes, a partir dos quais o pesquisador pode encontrar os indícios do cotidiano de homens e mulheres que marejam nos diversos labores da faina constante pela sobrevivência; pode reconhecer os elementos do imaginário construído ao longo de mais de um século de existência como município emancipado; pode também encontrar os vestígios para fundamentar o processo que permita reconstruir as bases sobre as quais a sociedade local estruturou os seus hábitos, os seus costumes e as suas concepções de mundo, com os quais moldaram o pensamento e o comportamento de sua elite social, cultural, política e econômica.

A primeira das escritoras alagoinhenses a ter suas observações evocadas para os fins deste artigo é a professora primária e bibliotecônoma, Maria Feijó de Souza Neves (1918-2001), cuja obra consiste em uma profusão dispersa e diversificada de trabalhos poéticos, jornalísticos, cronísticos, além de alguns romances e contos, talvez ainda não adequadamente apropriados e examinados pela pesquisa histórica, na medida em que os estudos em torno de sua produção intelectual, trazida a público através de seus livros e por seus escritos em vários jornais, ainda estejam circunscritos ao campo da literatura, da teoria ou da crítica literária, salvo equívoco de quem escreve estas linhas.

Por conta dos limites deste arrazoado, três destas obras serão aqui trazidas à consideração, que foram escolhidas para atender aos objetivos propostos na construção deste artigo: apontar alguns elementos com os quais o historiador possa desenvolver um trabalho de escrita da história de Alagoinhas. Assim é que *Alecrim do Tabuleiro*: crônicas evocativas de Alagoinhas (1972), *Pelos Caminhos da vida...de uma professora Primária* (1978) e *Pensionato Paraíso das moças e outros fatos* (1988) serão aqui abordados ligeiramente, uma vez que trazem bem explícitas em suas páginas as marcas da Alagoinhas das décadas de 1920, 1930 e 1940, que permaneceram na memória de Maria Feijó de Souza, a despeito de terem sido

escritas entre vinte e trinta e cinco anos após ter deixado de residir na cidade, mas não de a visitar com alguma regularidade.

Não é sem razão que, na mais densa das três obras aqui consideradas, a autora avisa à “Alagoinhas” que

[...] este livro, Alagoinhas, é o retrato, talvez, sem retoque, tirado por mim, na sua terna e doce fase de menina-moça, genuinamente provinciana e bela. O de agora, com ares de metrópole e requintes de mulher civilizada creio, eu não o saiba fazer. Outros filhos seus de melhores credenciais, poderão pintá-lo com todos os matizes da atualidade. Fiz neste o que pude, melhor não podia, embora para mim tivesse sido o ideal [...].²⁸

Na primeira das três obras aqui evocadas, Maria Feijó reuniu trinta crônicas curtas e leves, tendo a cidade de Alagoinhas como razão direta ou, quando menos, pano de fundo onde desenvolve o seu desfiar de lembranças tecidas como se fora uma peça de fina renda, com a qual ornerà o quadro mais amplo ainda por ser construído. Logo nas suas primeiras páginas, ao procurar explicar as “razões deste livro”, a autora assevera que *Alecrim do tabuleiro – crônicas evocativas de Alagoinhas* se lhe afigura como tendo sido um texto fotográfico, de caráter introdutório, por meio do qual ela estaria preparando os seus leitores para receber outro livro, mais próximo de uma espécie de grande quadro no qual estariam imbricados a sua memória e uma parte da história de Alagoinhas. Diz ela que

Se a cada um de nós fosse permitido o direito de fotografar a vida nas suas mais ditosas etapas e colecionarmos num grande álbum como painéis do tempo para, nos momentos de necessária meditação nele nos fixarmos em gostoso retrospecto tal uma fuga aos dias agitados do presente, de buscas e procuras incansáveis, que bom seria!

E mais adiante, Feijó assegura:

[...] Fotografei as minhas, eu, nestas crônicas, enquanto não vem o tão ansiado (por mim mesma) romance que focaliza, a meu modo, as etapas, em maiores dimensões, de um passado de minha terra, minha gente e [...] talvez. - quem o dirá?. - também o meu. As crônicas que se seguem bem poderiam chamar-se de. mosaicos de um tempo que

²⁸ FEIJÓ, Maria. *Pelos caminhos da vida ... de uma professora primária*. Editora Max, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

passou, estórias em quadrinhos, ou melhor, estórias em quadros grandes e médios e até reminiscências, pois, grafadas no papel da maneira que as vi e senti, tão unas e reais como uma colcha de retalhos. Foi só evocá-las e senti-las para reproduzi-las na grande tela irremovível guardada permanentemente na enorme câmara que trago dentro de mim: escaninho envolto no veludo da ternura, reservado às lembranças dos bons momentos que passaram... Nelas, como em tudo que escrevo - prosa ou verso -, só uma coisa fala: o coração, numa saudade de mim mesma... Do que fui. Assim, neste arauto do romance que virá, ele se desfolha. E cada página deste livro é uma pétala que se abre, de uma fase boa, nublada de distâncias calcando-se no de agora, acidentado trepidante, volumoso que se impregna na atualidade dos meus dias.²⁹

Por sua vez, *Pensionato Paraíso das Moças e Outros Fatos* entende-se como uma obra na qual outras situações e/ou reminiscências foram trazidas do “esquecimento”, depois de se terem completados os trabalhos de escrita das obras anteriores. Assim, na sua segunda parte, aparecem “outros fatos”, alguns concomitantes aos já narrados anteriormente, trazidos a público sem lançar mão de artifícios metafóricos, nem a utilização de nomes fictícios, dando um caráter mais reais às memórias evocadas, além de permitir ao pesquisador o aprofundamento na realização de buscas, no sentido de encontrar elementos que expliquem e/ou permitam análises mais fundamentadas acerca dos eventos por ela rememorados.

Feijó inicia o preâmbulo da referida obra, procurando explicar a sua razão de ser trazida a público. Diz ela:

Foi assim: conversava eu, em Salvador, na residência da Professora Zilda Lins, cercada de muito carinho, quando voltava de Alagoinhas com destino ao Rio, triste e depressiva pelo falecimento de meu pai querido. [...]E as meninas começaram a puxar por minha memória, lembrando alguns fatos, vívidos ou assistidos por mim, acompanhados de conversas acessórias, a elas, de outras vezes, alegremente, relatados. Agora, querendo saber de novos, pois, devo esclarecer que, possuindo certa vivência, sempre trago na bagagem, algo de reserva, coisas novas para contar: de Alagoinhas a Porto Alegre, de Salvador a Fortaleza, excetuando Brasília.³⁰

É assim que Maria Feijó traz ao leitor, na segunda parte do livro, mais alguns

²⁹ FEIJÓ, Maria. *Alecrim do Tabuleiro* – Crônicas evocativas de Alagoinhas. Max, Rio de Janeiro, Gb, 1972..

³⁰ FEIJÓ, Maria. *Pensionato Paraíso das Moças & outros fatos*. Max, Rio de Janeiro, Rj, 1988.

elementos que ajudam na compreensão de Alagoinhas, na medida em que fornece trilhas por onde se pode caminhar na faina de compreender a cidade, no momento mesmo em que é mais pujante a sua economia e se complexifica a sua conformação social. Ao retomar alguns relatos e adicionar outros, constrói um encadeamento de caráter descontínuo, obrigando ao leitor a tentar se conduzir aos “lugares de memória” por ela evocados. Para Feijó, “[...] eles são assim como uns *flashes* intercalados ao longo de minha existência. “Fatos”, sim, é a palavra certa que exprime, fielmente, tudo e que eu quero dizer, ainda mais, por me fazer recordar, muito de perto, uma deliciosa saudade de sabor original [...]”³¹

Por fim, Maria Feijó poderia ser tomada como uma memorialista de Alagoinhas no instante em que escreve *Pelos Caminhos da Vida ... de uma Professora Primária*, um romance perceptivelmente autobiográfico, embora ela não o admitisse. Publicado em 1978, na cidade do Rio de Janeiro, a autora diz ser ele “[...] o retrato, talvez, sem retoque, tirado por mim, na sua terna e doce fase de menina-moça, genuinamente provinciana e bela”.³² Nele, fatos, lugares e pessoas são reconhecidos, por vezes com alguma facilidade e, por outras, demandando alguma pesquisa e outras leituras.

Para os objetivos deste artigo, importa o mencionado romance de grande fôlego, cuja leitura, mesmo a mais aligeirada, permite ao leitor um passeio por histórias e memórias de Alagoinhas, devido ao caráter cronístico com que Feijó empresta a obra. Denso e alentado, percorre-se suas oitocentas páginas como se o terreno palmilhado, quase que centímetro por centímetro, fosse a cidade de Alagoinhas, saindo dela apenas pelas viagens até Salvador, feitas de trem ou pelas várias transferências de domicílio lecional, a que fora submetida a frágil, inteligente e perspicaz professora Maria Luísa Peixoto de Moura, até retornar para Alagoinhas, onde finalmente deu todos os saltos pessoais e profissionais que a vida lhe oportunizou, até vir a ser bibliotecária e literata em Salvador.

Embora a autora não intitule sua obra como memorialística e, até mesmo rejeite tratar-se de romance autobiográfico, talvez, para não ser cobrada por omissões, incoerências e, sobretudo, por eventualmente ferir suscetibilidades, é perceptível que a história de Maria Luísa Peixoto é, sim, a sua própria história. Não se deve ignorar a intenção da autora, ao indicar logo no início do volume que “As páginas que se

³¹ FEIJÓ, Maria. Op. Cit. 1988.

³² FEIJÓ, Maria. *Pelos Caminhos da vida ... de uma professora Primária*. Max, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

seguem, apresentando semelhança com fatos e pessoas vivas ou mortas, é apenas coincidência [...]”.³³

Já na página seguinte, trata de advertir ao leitor que

Luisa Peixoto? Não. Ela não existe em particular e, sim, em todas as Professoras Primárias do Interior da Bahia. Em todas elas há uma Luisa Peixoto. Sem tirar nem pôr. Os outros personagens? [...], não existe A, B ou C nestas páginas. Meus personagens se locomovem, vivem, ”figuram” em todas as Professoras Primárias do Interior. Um pouco de cada uma em todas elas. Dessa maneira, ninguém precisa ficar preocupado, porque não se achará. Nem a própria Luísa Peixoto! Apenas... procurei alguns fatos, avulsamente, aqui.. ali., e os romanceei, a fim de dar um toque mais interessante e colorido a este narrar-de-coisas. [...].³⁴

Tamanha precaução lembra o recurso utilizado pelo escritor baiano Jorge Amado, 1912-2001, ao apresentar o livro *Farda fardão, camisola de dormir – fábula para acender uma esperança*. Como se percebe, o autor informa, já no subtítulo da obra, tratar-se de uma “fábula”, a história de uma sucessão na Academia Brasileira de Letras, que se apresentaria diante do seu leitor. Diz Jorge Amado, uma página antes de iniciar sua narrativa:

Esta fábula conta como dois velhos literatos, acadêmicos e liberais, partiram em guerra contra o nazismo, a ditadura e a prepotência. Toda e qualquer semelhança com tipos, organizações, academias, classes e castas, figuras e sucessos da vida real será pura e simples coincidência, pois a anedota é produto exclusivo da imaginação e da experiência do autor. Reais são apenas a ditadura do Estado Novo com a Lei de Segurança, a máquina de repressão, as prisões cheias, as câmaras de tortura e o obscurantismo, e a Segunda Grande Guerra Mundial, desencadeada pelo nazifascismo, em seu pior momento, quando se dava tudo por perdido e a esperança fenecia.³⁵

Entrelaçando vários personagens em um enredo que pretende mostrar ao público o que é a vida de uma professora primária, lançando mão de uma narradora, Maria Feijó de Souza Neves³⁶ descortina toda a sua vida, de modo a dar ao leitor um amplo

³³ FEIJÓ, Maria. Op. Cit. 1978.

³⁴ FEIJÓ, Maria. Op. Cit., 1978.

³⁵ AMADO, Jorge. *Farda Fardão Camisola de Dormir- Fábula para Acender uma Esperança*. 16ª Edição, Record, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

³⁶ No que tange a autoria das suas obras, ela omite o último nome, preferindo aquele pelo qual sempre fora conhecida e, por meio do qual sempre se apresentou para enfrentar todas as lutas que se interpuseram em sua trajetória pessoal e profissional.

panorama, não só de si, mas de sua cidade natal onde as tramas, tanto pessoais quanto coletivas, vão se desenvolvendo em vários lapsos de tempo de cerca de 50 anos, com idas e vindas típicas de um romance bem escrito e atraente, nos quais uma série de instituições se erguem e desaparecem, dando lugar a outras ou deixando vago o espaço que ocupava.

Mas o que aqui interessa salientar é que sua vida está diretamente relacionada com a história e a memória da cidade de Alagoinhas, na qual grande parte da narrativa se passa. Nela, a autora aproveita para opinar sobre os modos e costumes arraigados no *modus vivendi* local; emite juízo de valor em torno da política educacional e cultural empreendida pela municipalidade; nem os desmandos daqueles que deveriam zelar pelo bom funcionamento das instituições escolares escaparam de sua arguta pena.

Feijó de Souza não perde a chance de comentar sobre a perspectiva que norteara a cidade no princípio do século XX, quando aparentava que Alagoinhas viveria um processo de crescimento e desenvolvimento. A partir deste praticamente todos os seus administradores prometiam avanço e “modernização”, mas que, com o passar dos anos, se torna uma cidade conservadora sob o ponto de vista dos costumes, dos hábitos e dos gostos culturais e, até mesmo atrasada, sob o ponto de vista da economia, do saneamento, do transporte, da expansão das oportunidades de lazer e cultura, além de falhar por não ter uma política de criação de postos de trabalho, que fixasse seus filhos dentro de seu espaço territorial.

A segunda das alagoinhenses que, por meio dos seus escritos, traça em seu descortinar de lembranças, um “retrato” da cidade, este um tanto mais retocado, embora não deixando de aparecer ao fundo algum “defeito” ou “sujeira” na imagem, que se queria bonita, é a nonagenária Joanita da Cunha Santos, nascida em 1920, que publicou em 1987³⁷ obra que traz à lume suas memórias de menina e moça. Essa obra completa o que eventualmente viesse a faltar na fotografia de Alagoinhas tirada por Feijó, nos anos que permeiam as décadas de 1930 até meados de 1940. Nela, Cunha descreve a Alagoinhas central e seu entorno mais próximo, onde residia parte da elite política e econômica local. Naquele entorno, também se encontravam os “lugares de memória” mais importantes da terra, a partir dos quais Joanita pôde retratar boa parte de sua vida. Por meio deles, ela acaba por abrir possibilidades de pesquisas para aqueles interessados em conhecer melhor a Alagoinhas por ela retratada, visto indicar diversas pistas, através

³⁷ SANTOS, Joanita Cunha dos. Traços de Ontem. Belo Horizonte: Graphilivros Editores, 1987.

das quais o investigador atento, poderá imiscuir-se nos avatares dos homens e mulheres, residentes ou passantes, com seus hábitos e valores, visões de mundo, maneiras e costumes, difusos nos “arquivos” daquela cidade, cuja memória ainda se encontra encoberta pela fuligem do tempo.

A importância da referida obra está no caráter memorialístico de que se pode revesti-la, na medida em que se pode ler nas suas linhas e entre linhas, as condições de vida das pessoas, o grau de desenvolvimento cultural e político da cidade. Também é possível extrair os modos de ver e compreender a vida que aquela parcela da população cidadina tinha a respeito do mundo e das pessoas.

Neste sentido, pode-se evocar, a título de ilustração, as observações acerca de episódios narrados pela memorialista ao abordar as transformações sofridas pela sua urbe natal, quando tem sua configuração espacial, completamente reorientada pela implantação dos trilhos da *Ferrovia Bahia & San Francisco*, logo nos primeiros dias de sua existência na condição de vila. Arrastada do local onde fora inicialmente implantada, a povoação de Alagoinhas vê-se atraída para o novo espaço urbano, não mais aquele delineado pelas características impostas pela colonização portuguesa, mas, sim, pelas novas convenções urbanísticas de origem inglesa, cujo elemento concreto era a estação ferroviária, a partir da qual a vila estruturaria seus contornos e estabeleceria os parâmetros a partir dos quais se daria a sua expansão urbana.

Ao comentar aquele processo de grande impacto social, econômico e cultural produzido pela mudança imposta aos moradores da povoação recentemente emancipada de Inhambupe, Juanita Cunha dos Santos assegura que

[...] uma minoria da população começou espontaneamente a se transferir para a “Estação” ou a “Linha”, como diziam, ou seja, para as proximidades da Estrada de Ferro. Depois houve a transferência oficial da cidade, decisão esta que revoltou a população, precisando de reforço policial, quando da mudança da feira livre para aquele local [...]”³⁸.

Uma vez transferida a povoação para perto da estrada de ferro, a vila ficara repartida em dois setores populacionais, distando cerca de 3 km um do outro, propiciando vicissitudes que, desde então, marcaram indelevelmente a trajetória social, política, econômica e cultural de Alagoinhas. Este fenômeno histórico/urbano é

³⁸ SANTOS, Joanita Cunha dos. *Taços de Ontem*. Graphilivros, Belo Horizonte, Mg, 1987, P. 27.

sintetizado por Juanita Cunha dos Santos, nos termos seguintes: “A antiga vila ficou sendo chamada Alagoinhas Velha. Nesta havia muitos sítios, com grandes plantações de laranjeiras e algumas lavouras de pouca expressão. Possui um clima ameno e saudável e maior altitude que a cidade nova”.³⁹

A memorialista, nascida na década de 1920 e filha de um dos prefeitos da cidade, após reproduzir a história contada e recontada acerca do surgimento de Alagoinhas, informa ao seu leitor que:

As ruas principais de Alagoinhas Velha são duas ruas paralelas; que contam a história das brigas e violências da população, ali desenroladas, quando da transferência do povoado, no princípio do século. As mudanças eram feitas debaixo de apupos, pedradas, ao som de versinhos que insultavam [...].⁴⁰

Cunha Santos interpreta a resistência que a população da antiga vila oferecera às mudanças impostas pela nova configuração sócio-cultural, geo-política e urbano-econômica, como sendo uma espécie de embate entre o novo e o velho; entre o tradicional e o moderno; entre o viver rural e o pensar e agir urbanos. Diz ela:

Era a maioria reclamando uma desintegração cultural. Era o medo da vila decair com o aparecimento de uma outra cidade ali tão pertinho, numa situação privilegiada de posicionamento, e contando com uma grande área de tabuleiro em terreno plano. Era a previsão de desenvolvimento e progresso para a futura cidade que contava com facilidade de transporte para a Capital e várias outras cidades do interior baiano. Era o desabafo dos que ainda lutavam pela sobrevivência de um lugar condenado à estagnação e decadência. E decaiu! Muitos anos ficaram as suas ruas cheias de bancos de areia, e em cujos terrenos processava-se um lento trabalho de erosão; seu casario, estragado pelo tempo, uma população insignificante, sem comércio, enquanto a cidade nova crescia.⁴¹

Outrossim, pode-se inferir que a narrativa memorialística transcrita acima deixa subliminar a ideia de que, possivelmente, os conflitos tenham avançado para além dos anos iniciais de sua deflagração, podendo ter chegado a se fazerem latentes, ainda nas primeiras décadas do século XX, ao ponto de ter sido de seu conhecimento precisamente por ter ficado na memória coletiva dos munícipes, acabando por se fazer

³⁹ SANTOS, Joanita Cunha dos. Op. Cit., p. 28.

⁴⁰ SANTOS, Joanita Cunha dos. Op. Cit., P. 28.

⁴¹ SANTOS, Joanita Cunha dos. Op. Cit., P. 29.

integrar nas reminiscências da escritora. Aliás, a tal propósito, assevera Cunha Santos que “Estes fatos são geralmente narrados de pais para filhos, numa sequência histórica de tradição oral. Eles são documentos que informam as ideias, os problemas, esperanças e preconceitos de uma época que não se perdeu no tempo”.⁴²

Conclusão

Depois de se fazer um breve e incompleto inventário daquilo que se tem produzido acerca de Alagoinhas, mencionando alguns esforços de estudiosos e pesquisadores em seu trabalho de apreensão da história da gente da cidade, a partir de sua memória, procedeu-se uma pequena análise das elaborações acerca das impressões que ficaram nos sentidos de um viajante, dois observadores e duas memorialistas, intentando extrair dos seus escritos, algumas das construções imagéticas que perpassaram as formulações conceituais que nortearam as percepções do cotidiano alagoinhense, inerentes ao tempo por eles observados.

Portanto, cumpre salientar que as concepções de progresso, modernidade, desenvolvimento e atraso, que aparecem nos escritos aqui analisados, são termos e ideias impregnadas das formulações encontradas nos finais do século XIX, que permanecem e/ou sofrem algumas reformulações ao longo do século XX até onde alcança a formação do *corpus* conceitual dos indivíduos que foram alvo desta reflexão.

Este esforço em se trazer o "passado para o presente" seria um trabalho com o qual se procuraria empreender o aprofundamento de pesquisas, no sentido de alcançar uma análise que permita compreender o que teria levado a elite social e política da cidade a decidir em uma direção dada, quanto aos rumos de sua economia, ou quanto ao caráter da sua formação social, ou ainda, quanto ao posicionamento político que viera a adotar. Na medida em que sua pretendida pujança não passara das expectativas daqueles que propagandeavam as "virtudes" desenvolvimentistas que acreditavam tratar-se de um elemento constitutivo da urbe alagoinhense, constrói-se uma memória fundamentada naquele passado quase epopeico que se pretendeu conservar e fazer chegar até as gerações futuras.

Assim, cabe aqui enfatizar que, apesar de alguns esforços já feitos, entre eles, aqueles protagonizados por Cunha Santos e Feijó, além de outros pesquisadores e/ou memorialistas, alguns deles referenciados neste arrazoado, há uma camada de pó muito

⁴² SANTOS, Joanita Cunha dos. Op. Cit., p. 29.

espessa, cobrindo a memória de Alagoinhas, dificultando e, por vezes, impedindo que se proceda a “escrita” de sua história. O propósito deste artigo foi, portanto, o de apontar a grande diversidade de possibilidades para se realizar uma “escrita da história” da cidade de Alagoinhas, uma vez que, a despeito das muitas lacunas existentes no que tange ao levantamento de fontes, no sentido tradicional do termo, há de se lançar mão de inúmeras outras ferramentas de que presentemente dispõe o pesquisador, propiciando a ampliação do campo investigativo, visando recuperar memórias, acompanhar trajetórias, para que, assim, se possa realizar a escrita das muitas histórias da urbe alagoinhense.